



ANÁLISE QUANTITATIVA-DESCRIPTIVA DO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA A PARTIR DO RECORTE DE GÊNERO

SILVA, Maria Andreza da¹

SANTOS, AnaTereza Souza dos²

RESUMO: Este trabalho foi desenvolvido no período de estágio em Serviço Social, por isso, houve participação e supervisão da Assistente Social do IFBA. Tem como objetivo descrever e comparar, quantitativamente, a presença de homens e mulheres em cargos de docência, no ensino de Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, do ponto de vista da ocupação dos cargos docentes, de forma geral e, especificamente, quanto à formação e/ou ocupação dos cargos de ensino de disciplinas específicas/técnicas por mulheres. Os dados foram coletados por meio dos sites dos 22 Campi do IFBA, com informações disponibilizadas na internet. Os resultados encontrados foram analisados à luz de autoras e autores que discutem sobre a divisão sexual do trabalho, de forma geral, bem como recortes específicos sobre o recorte de gênero na área da Educação. É perceptível a diferença no quantitativo de homens e mulheres em ambas as situações analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Divisão Sexual do Trabalho; Docência.

1 INTRODUÇÃO

A temática do presente artigo circunda a Divisão Sexual do Trabalho, por falar nisso, tomaremos como conceito a visão de autores como Bourdieu (1999, p. 137):

A visão dominante da divisão sexual exprime-se nos discursos tais como os ditados, os provérbios, os enigmas, os cantos, os poemas ou nas representações gráficas tais como as decorações murais, os motivos das cerâmicas ou dos tecidos. Mas ela se exprime igualmente bem nos objetos técnicos ou nas práticas: por exemplo na estrutura do espaço, e em particular nas divisões interiores da casa ou na oposição entre a casa e o campo, ou ainda na organização do tempo, da jornada ou do ano agrário, e, mais amplamente, em todas as práticas, quase sempre ao mesmo tempo técnicas e rituais, e muito especialmente nas técnicas do corpo, posturas, maneiras, porte. (...) ela apreende o mundo social e suas divisões arbitrárias, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes e inelutáveis. (...) O homem (vir) é um ser particular que vive a si mesmo como ser universal (homo), que tem o monopólio, de fato e de direito, do humano, isto é, do universal, que está

¹ Discente do Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI) e Estagiária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). mariaandressa818@gmail.com.

² Assistente Social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). anateresa.jc@gmail.com

socialmente autorizado a sentir-se portador da forma total da condição humana. Tendo sido colocadas pela taxonomia oficial, no lado do interior, do úmido, do baixo, do curvo, do contínuo, as mulheres vêem atribuir a elas todos os trabalhos domésticos, isto é, os trabalhos privados e escondidos e até mesmo invisíveis ou vergonhosos, como a criação das crianças e dos animais, e uma boa parte dos trabalhos exteriores, principalmente aqueles referente à água, às plantas, ao verde (como a capina e a jardinagem), ao leite, à madeira, e muito especialmente os mais sujos (como o transporte do estrume), os mais monótonos, os mais penosos e os mais humildes. Quanto aos homens, estando situados no lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, eles se arrogam todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares que, como a matança do boi, a lavragem ou a colheita, sem falar do assassinato ou da guerra, marcam rupturas no curso comum da vida, e fazem intervir instrumentos fabricados pelo fogo.

Cruz (2005), em seu artigo, discorre que as distinções entre homens e mulheres são, resumidamente, culturais, e não por questões biológicas. Cruz explica que uma sociedade patriarcal se baseia numa distinção sexual entre homens e mulheres e, de forma institucionalizada, normatizada e moralmente ratificada, justifica a valorização masculina em contraponto à definição do corpo feminino como sexo frágil.

Inicialmente, o objeto de estudo consiste na análise quantitativa e descritiva da composição do quadro de servidores efetivos docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia sob a ótica do recorte de gênero e suas implicações à Divisão Sexual do Trabalho.

Para uma melhor delimitação e compreensão, direcionamos este artigo em dois sentidos de análise: 1) Descrição quantitativa e comparação entre a presença de homens e mulheres em cargos de docência, no ensino de Educação Profissional no IFBA; 2) Descrição quantitativa e comparação acerca da presença de homens e mulheres com formação (graduação) e/ou ocupando cargos de docência no ensino de disciplinas de grupos específicos, técnicos.

Neste ponto, não caberá a discussão comparativa sobre salários, considerando que, no serviço público em tela, os salários são ofertados de acordo com os respectivos cargos, independente do gênero que os ocupem. Segundo Hirata e Kergoat (2007), suas diferenças podem ocorrer de outras formas, como a partir do ingresso e disputa das vagas, no exercício de cargos de gestão e chefia, ou diante da possibilidade de melhoria da remuneração por meio da qualificação profissional, em detrimento das duplas ou triplas jornadas de trabalho; diante da necessidade de conciliar demandas públicas e privadas e de repassar, dividir ou delegar funções domésticas a outras mulheres, como cita Hirata (2002, p. 148):

A atividade feminina continua concentrada em setores como serviços pessoais, saúde e educação. Contudo, a tendência a uma diversificação das funções mostra hoje um quadro de bipolarização: num extremo, profissionais altamente qualificadas, com salários relativamente bons no conjunto da mão de obra feminina (engenheiras, arquitetas, médicas, professoras, gerentes, advogadas, magistradas, juízas etc.), e, no outro extremo, trabalhadoras ditas de “baixa qualificação”, com baixos salários e tarefas sem reconhecimento nem valorização social. Essa bipolarização não surge apenas nos países europeus desenvolvidos, mas também em países semi-industrializados como o Brasil.

Todavia, não nos aprofundaremos em todas essas temáticas. Refletiremos sobre o acesso à formação nessas áreas e, por conseguinte, sobre o aumento da participação entre mulheres e homens na ocupação desses cargos.

2 DESENVOLVIMENTO

O levantamento explicitado neste artigo teve como objetivo trazer contribuições iniciais, quantitativas e descritivas, bem como comparativas, sobre a participação de mulheres no corpo docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA. O interesse por esse objeto de pesquisa se deu devido à vivência das autoras, no âmbito do IFBA, ao perceber diferenças quantitativas entre os gêneros femininos e masculinos na ocupação dos cargos para docentes. Era possível perceber que mulheres eram formadas (graduadas) ou ocupavam, principalmente, em disciplinas de Núcleo Comum, como as das áreas de Linguagens e Humanas, enquanto os homens passavam por formação (graduação), bem como ocupavam a maioria dos cargos de docência nas disciplinas específicas de ensino técnico profissional.

À luz de autores como Bourdieu (2012, p. 180), percebemos que a área da Educação tem sido, ao longo dos tempos, ocupada por mulheres, mas, não em todas as etapas da Educação.

Como bem demonstra Yvette Delsaut num texto inédito, é através de um trabalho inteiramente semelhante de formação, ou melhor, de reforma do corpo e dos usos do corpo, das escolhas estéticas, principalmente das roupas e dos cosméticos, que a instituição escolar visava impor ambições, mas colocando seu limite próprio, às jovens das classes "modestas" que ela destinava ao ofício de professora primária (cf. também Y. Delsaut, *Cartes de socioanalyse*, 2: Une photo de classe, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 75, novo 1988, p. 83-96). (BOURDIEU, 2012, p. 180).

Tendo em vista que diversas questões podem ser percebidas, questionadas e pesquisadas com base nesta percepção inicial (como discussão sobre a ocupação de cargos de chefia, plano de carreira etc.), neste artigo optamos por trazer, apenas dois itens: um panorama acerca do quantitativo de profissionais docentes do gênero feminino que atuam no IFBA em comparação aos docentes do gênero masculino; e uma discussão inicial sobre o quantitativo de mulheres, em detrimento do quantitativo de homens, que possuem formação (graduação) e/ou que lecionam em disciplinas do Núcleo Específico, as quais são voltadas, diretamente, para o ensino da formação técnico-profissional, ou em outras palavras, o ensino do ofício propriamente dito.

Para coleta e descrição dessas informações, utilizamos a pesquisa documental (TRIVIÑOS, 1987), na qual foram utilizados os sites oficiais do IFBA, dos 21 Campi. Importante frisar que se tratam de diversos sites, pois cada Campus, considerando a sua autonomia administrativa, possui um site específico onde deposita informações gerais e atualizadas sobre sua unidade de ensino.

Importante ressaltar sobre a possibilidade de desatualização de algumas informações, ou ausência de registros detalhados, bem como dados não padronizados entre os Campi/sites. Alguns Campi registram informações mais detalhadas que em outros, o que acabou interferindo, parcialmente, no resultado da coleta de algumas informações importantes para este artigo, as quais serão especificadas em itens posteriores. Para delimitação do objeto, bem como considerando a disponibilidade de informações nos sites pesquisados, esclarecemos que serão analisados dados relacionados aos docentes efetivos, componentes do quadro de servidores públicos do IFBA.

Atualmente, o IFBA conta com 21 Campi no Estado da Bahia, além dos núcleos e Campi avançados, centros tecnológicos de inovação, reitoria, polo de inovação e campus em construção. Neste artigo trataremos sobre o corpo docente que compõe os 21 Campi, considerando a disponibilidade de acesso às informações via site/internet, a saber: Barreiras; Brumado; Camaçari; Euclides da Cunha; Eunápolis; Feira de Santana; Ilhéus; Irecê; Jacobina; Jequié; Juazeiro; Lauro de Freitas; Paulo Afonso; Porto Seguro; Salvador; Santo Amaro; Santo Antônio de Jesus; Seabra; Simões Filho; Valença; Vitória da Conquista (IFBA, 2021).

Em suas matrizes curriculares, os cursos são organizados por disciplinas do Núcleo Comum (Biologia, Matemática, Português etc); Diversificadas (Artes, Língua Estrangeira entre outras); e Específicas, as quais são voltadas, basicamente, para o ensino/formação da profissão escolhida pelo (a) estudante (Eletrônica, Instalações Elétricas, Usinagem etc) (IFBA, 2021). É sobre esse terceiro grupo de disciplinas, voltadas para a formação profissional de forma direta, que este artigo se dedica.

A seguir, destacaremos através de tabelas a composição do corpo docente do IFBA. A tabela 1 descreve as diferenças quantitativas entre a composição de homens e mulheres no quadro de docentes servidores efetivos do IFBA.

Tabela 1 – título

Campus – IFBA	Listagem Geral de Docentes	Docentes do Sexo Feminino	% de Mulheres em Cargos de Docência
Barreiras	86	37	43%
Brumado	48	Sem Registro	-
Camaçari	62	29	47%
Euclides da Cunha	46	12	26%

Eunápolis	92	41	45%
Feira De Santana	56	22	39%
Ilhéus	57	Sem Registro	-
Irecê	53	18	34%
Jacobina	54	18	33%
Jequié	54	20	37%
Juazeiro	41	12	29%
Lauro de Freitas	45	23	51%
Paulo Afonso	59	17	29%
Porto Seguro	66	26	39%
Salvador	359	143	40%
Santo Amaro	64	24	38%
Santo Antônio de Jesus	20	06	30%
Seabra	34	19	56%
Simões Filho	81	31	38%
Valença	81	Sem Registro	-
Vitória da Conquista	138	46	33%

Fonte: Portal IFBA – <https://portal.ifba.edu.br/campi/escolhacampus>.

A motivação para esta pesquisa em questão surgiu do interesse em verificar, na prática, o que autoras e autores descreviam sobre a divisão sexual do trabalho, entre homens e mulheres, principalmente no âmbito da Educação e do ensino em cursos da área Técnica.

Albuquerque (2007, p. 8) discorre que:

A formação profissional das mulheres obtida através de cursos superiores se construiu, segundo Marry, sob a ótica da preparação para as funções de mãe/esposa

(costura, afazeres domésticos, assistência aos doentes e às crianças), e sua profissionalização (aperfeiçoamento dos conhecimentos gerais e técnicos). Este fato teve como consequência o problema de reconhecimento social e salarial. Desta forma, as profissões tipicamente femininas, como por exemplo, Serviço Social, Pedagogia, Enfermagem, dentre outras, representam um aperfeiçoamento técnico das tarefas historicamente destinadas à mulher. Por este fato tais profissionais não possuem igual status perante os que se encontram nas profissões masculinizadas, sendo assim desvalorizadas socialmente.

Afirmação essa já trazida por Bourdieu (1999), ao discorrer sobre a divisão sexual do trabalho no âmbito da Educação, ao explicar que, apesar das mudanças, da democratização e da inserção das mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho, ocorre uma "permanência dentro da mudança e pela mudança" (BOURDIEU, 1999, p. 110). Ele refere que as mulheres permanecem diferenciadas em relação aos homens durante a "escolha" de suas carreiras, persistindo a sexualização dos cursos e profissões. Elas continuam menos cotadas para especializações tradicionalmente consideradas masculinas, porém, mais cotadas para o mercado de trabalho em áreas como Mecânica, Eletricidade e Eletrônica entre outras.

Ao comparar os dados apresentados acima, à luz dos autores, poderíamos perceber um aumento considerável nos números de cargos docentes ocupados por mulheres no âmbito da Educação Profissional. Percebemos que dois Campi possuem números equiparados em relação à ocupação do sexo masculino e até mesmo superiores. Entretanto, consideramos esse aumento ainda pontual ao verificarmos que, na maioria dos Campi listados, a ocupação de mulheres em relação ao número geral se aproxima, no máximo, a 1/3 do número geral de professores atuantes na Educação Profissional.

Sobre isso, Albuquerque (2007, p. 6-7) pontua que:

Com o advento dos estudos feministas e de gênero acerca da divisão sociotécnica do trabalho, o caráter sexuado destas relações passou a ser percebido e analisado de uma forma distinta da visão durkheimiana. Durkheim tinha uma percepção acerca da divisão do trabalho sexual como a atribuição de funções complementares e harmônicas para mulheres e homens, essenciais para a conservação da coesão social. Já os estudos realizados através da categoria de análise gênero, vêem na divisão sexual do trabalho a importância da percepção das relações de poder estabelecidas entre os sexos: aqui, a segmentação sexuada dos espaços profissionais não mais se dá de forma harmoniosa e complementar, percebe-se a dimensão do conflito, das relações de dominação/subordinação. Deste modo, então, a expressão durkheimiana 'divisão do trabalho sexual', não apreende as relações de desigualdade entre os sexos, a delimitação dos espaços sociais masculinos e femininos é percebida como aspecto fundante de uma sociedade evoluída. Carregado de influências do biologicismo social, o autor utiliza-se das diferenças corporais entre mulheres e homens para justificar a delimitação de fronteiras sexuais no meio social. Por outro lado, os estudos de gênero através do termo 'divisão sexual do trabalho' denunciam as relações de dominação e opressão existentes entre os sexos. Aqui as diferenças biológicas não mais justificam a existência de tal segregação em que as mulheres se encontram em posição desvantajosa em relação aos homens. A demarcação sexual dos espaços não foi delineada naturalmente a partir das características corporais femininas e masculinas, foi muito mais uma construção socio-histórica.

A tabela abaixo descreve as diferenças quantitativas entre a composição de homens e mulheres no quadro de docentes servidores efetivos do IFBA que possuem formação

(graduação) e/ou que lecionam disciplinas do Núcleo Específico. Os demais Campi não aparecem na tabela por não possuírem registros em seus respectivos sites.

Tabela 2 – Docentes com Formação ou Lecionando Disciplinas Específicas de Áreas Tecnológicas.

Docentes com Formação ou Lecionando Disciplinas Específicas de Áreas Tecnológicas.			
Campus	Listagem Total de Docentes	Docentes do Sexo Feminino	%
Euclides da Cunha	20	03	15%
Feira de Santana	23	05	22%
Irecê	19	03	15%
Jequié	20	06	30%
Juazeiro	09	02	22%
Paulo Afonso	24	06	25%

Fonte: <https://portal.ifba.edu.br/campi/escolhacampus>.

A tabela 2 traz dados sobre a participação de mulheres em cargos docentes do IFBA no ensino de disciplinas do núcleo específico. Resumidamente, são disciplinas direcionadas ao ensino mais direto, prático, da profissão escolhida pelo discente, em cursos como Técnico em Eletromecânica, Informática, Biocombustíveis, Edificações, entre outros.

Neste quesito tivemos dificuldade em coletar as informações referentes a todos os Campi; apenas 6, do total de 21 Campi, descreviam em seus sites sobre as áreas e as disciplinas lecionadas por cada docente.

Ainda considerando a amostra acima, percebemos que os números são ainda menores se comparados aos quantitativos da tabela 1. É possível inferir que mulheres têm ocupado, cada vez mais, o espaço institucional e docente da Educação Profissional. Contudo, estão formadas (graduadas) ou ocupando vagas, ainda, em disciplinas do núcleo comum, gerais, não técnicas ou específicas, lecionando matérias das áreas de Humanas, Linguagens e, por enquanto em menor número, disciplinas das áreas de Exatas, como Física e Matemática.

Albuquerque (2007), fundamentada nos postulados de Hirata (2002), argumenta que assim como as relações sociais são perpassadas por contradições diversas, não sendo fixas e imutáveis, o mesmo ocorre na discussão sobre a divisão sexual do trabalho. É necessário considerar possíveis mudanças no âmbito de tais relações, como a possibilidade de "(...) deslocamento das fronteiras na hierarquia dos sexos, como também a sua ruptura e real transformação" (ALBUQUERQUE, 2007, p. 7).

Neste quesito, Carvalho (2004) explica bem sobre o fenômeno encontrado, ao citar o pensamento de Bourdieu:

(...) dentro de cada disciplina, atribuindo aos homens o mais nobre, o mais sintético, o mais teórico e às mulheres o mais analítico, o mais prático, o menos prestigioso" (p. 109). No trabalho produtivo, menos remuneradas que os homens, "as mulheres ocupam sempre ... as posições mais baixas e mais precárias ... posições subalternas e ancilares, de assistência e cuidados - mulheres da limpeza, merendeiras, crecheiras etc." (p. 110); e, quando ocupam posições dominantes, estas "situam-se essencialmente nas regiões dominadas da área do poder, isto é, no domínio da produção e da circulação de bens simbólicos (como a edição, o jornalismo, a mídia, o ensino)" (Bourdieu, 1999. p. 111). (BOURDIEU, 1999, p. 109-111 apud CARVALHO, 2004, p. 6).

Assim como apontado nas tabelas citadas anteriormente, segundo Albuquerque (2007), baseada em Catherine MARRY (2003), a ocupação dos cargos de docência em Letras e Ciências Humanas, na França e Alemanha, é atribuída, ainda, às mulheres, enquanto as Ciências Exatas e as Técnicas Industriais, aos homens. Segundo a autora, essas desigualdades se remetem: "a mecanismos de interiorização/imposição da dominação masculina ou à antecipação refletida e ponderada de seu destino mais provável, o de esposa e mãe, que deve conciliar vida profissional e vida familiar" (MARRY, 2003, p. 89 apud ALBUQUERQUE, 2007, p. 7).

Hirata (2002, p. 198) diz que:

existe, ainda, apropriação da esfera tecnológica pelo poder masculino. Deste modo defende ser impossível uma abordagem das relações de trabalho sem perceber que existe uma apropriação histórico-social da tecnologia pelos homens, pois: Em diversos postos de trabalho, os homens se apropriam da tecnologia **enquanto conceito**, desenvolveram tecnologias de produção específicas que reivindicaram como direito deles, e que defendem como **domínios masculinos** (...) E a partir da apropriação da esfera tecnológica pelos homens há uma construção social do feminino como incompetente tecnicamente. (COCKBURN, 1983 apud HIRATA, 2002, p. 199, grifos da autora).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante ressaltar sobre o objetivo deste artigo, de ser, necessariamente inicial, apenas um ensaio, um apontamento para elaborações futuras, funcionando como ponto de partida para questionamentos mais profundos e detalhados, os quais poderão resultar em desdobramentos dos conteúdos aqui apontados. Os Institutos Federais, perceptivelmente, possuem um perfil diferenciado em relação às demais Escolas Municipais e Estaduais se considerarmos questões relacionadas à infraestrutura, contratação efetiva de professores,

planos de cargos e carreiras, assistência estudantil, entre outros. Por isso, carece de recorte ao ser analisado frente às Unidades de Ensino da Educação Básica.

Algo que tem se apresentado nos IFS é o crescimento, a cada ano - principalmente com a expansão dos institutos em cidades mais distantes, do interior do Estado – da busca de estudantes do sexo feminino por cursos das áreas da educação profissional e tecnológica. Diante disso, das mudanças crescentes nesses cenários, outras questões podem ser melhores aprofundadas como: a procura de mulheres por formação em cursos técnicos e de graduação em áreas tecnológicas e, também, em áreas de exatas, nos Institutos Federais – Ifs; a participação de mulheres em disciplinas das áreas das exatas, como física, matemática, neste mesmo contexto da formação profissional; a participação de mulheres nos cargos de gestão e chefia nos Institutos Federais; e, por fim, mas não menos importante, a ocupação de cargos de áreas administrativas e pedagógicas também nestes ambientes de formação profissional.

É perceptível a diferença no quantitativo de homens e mulheres em ambas as situações analisadas neste artigo, frente ao quadro geral de ocupação dos cargos de docência e diante da formação ou ensino em disciplinas ligadas à tecnologia, porém, não podemos deixar de perceber o crescimento, equiparação em números e, até mesmo, a superação quantitativa em alguns casos.

Contudo, trazemos à reflexão que a inserção de mulheres em diferentes tipos de postos de trabalho não será resolvida com fórmulas de curto prazo. É necessário oferecer condições para que possam vislumbrar e exercer distintas formações e profissões, conseqüentemente, estarem preparadas para disputar o mercado de trabalho que, mesmo com uma disputa equitativa, à luz do marxismo, não deixará de apresentar suas contradições e reinventar formas de exploração e exclusão.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, V. M. dos S. Divisão sexual do trabalho: complementaridade ou conflito? **Revista Urutágua**, Maringá, n. 13, ago./nov. 2007. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/013/13albuquerque.htm>. Acesso em: 5 nov. 2021.

BIROLI, F. Divisão sexual do trabalho e democracia. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, p. 719-754, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/68403339-Dados-revista-de-ciencias>. Acesso em: 5 dez. 2021.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71724/40670>. Acesso em: 5 dez. 2021.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. A Bipolaridade do Trabalho Feminino no Brasil Contemporâneo. **SciELO Brasil**, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.º 110, pp. 67-104, 2000.

CARVALHO, M. E. P. de. Pierre Bourdieu sobre Gênero e Educação. **Revista Ártemis**, [S. l.], n. 1, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2364>. Acesso em: 1 dez. 2021.

CRUZ, M. H. S. CAP II. Mulher e Trabalho: Matrizes Teóricas. *In*: CRUZ, M. Helena Santana. **Trabalho, Gênero, Cidadania**: Tradição e Modernidade. São Cristóvão: Editora UFS. 2005, p. 36-70.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **SciELO Brasil**, Cadernos de Pesquisa, São Paulo (SP), v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Tradução Fátima Murad. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>. Acesso em: 5 dez. 2021.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **SciELO Brasil**, Cadernos Pagu, Campinas, n. 17/18, p. 139-156, 2001/2002. Disponível em: www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06.pdf. Acesso em: 5 dez. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA – IFBA. **Fontes das tabelas 1 e 2**. Bahia: Campi, 2021. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br>. Acesso em: 5 nov. 2021.

MARRY, C. A comparação França-Alemanha sob o crivo das mulheres. *In*: HIRATA, H.; MARUANI, M. (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade** – Homens e Mulheres no mercado de trabalho. Tradução de Clevis Rapkiewicz. São Paulo: Editora Senac, 2003. p. 89-100.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.